

NEOLOGIA LACANIANA: AS CRIAÇÕES POR ASSOCIAÇÃO

Patrícia Chittoni Ramos Reuillard*

Nos meios psicanalíticos e da tradução, é bem conhecida a abundância neológica do psicanalista francês Jacques Lacan. Estudos anteriores (Pélissier, 2002; Reuillard, 2007) indicam que, para além da necessidade de preencher lacunas denominativas, o que subjaz a essa produtividade lexical é a intenção de provocar um forte efeito no ouvinte/leitor e demonstrar que o significante, ao qual ele atribuiu um papel primordial, representa a irrupção do inconsciente na linguagem. Em outras palavras, o significante neológico que brota no discurso, muitas vezes inesperadamente, vem materializar e sustentar um novo aparato teórico, a releitura da psicanálise freudiana.

Na obra lacaniana, essas criações neológicas seguem quase sempre os padrões regulares de formação de palavras da língua francesa e recorrem aos dois processos mais produtivos nas línguas em geral, a derivação e a composição. Até mesmo nas palavras-valise – oriundas da redução de uma sequência de palavras a uma só – Lacan parece “respeitar” a regra implícita de associar apenas dois elementos, pois raros são os casos em que isso não ocorre.

No entanto, a verdadeira inovação de Lacan está, a nosso ver, na criação de um grupo particular de neologismos que subverte o paradigma de formação de palavras: as criações por associação. Trata-se de palavras provenientes de combinações inéditas na língua, no que se aproximam das criações *ex-nihilo*, também chamadas de neologismos fonológicos (Alves, 1994), oriundas de novas combinações de sons ou de letras, jamais encontradas anteriormente. Porém, diferentemente destas, desmotivadas no plano morfossemântico e neutralizadas nos planos gráfico e fonético nas principais línguas do mundo ocidental, a exemplo das marcas *Kodak* e *Lycra* (Boulangier, 1979, p. 82), as criações lacanianas por associação partem de locuções ou frases já existentes na língua e formam uma nova palavra, homófona à estrutura de partida. Em outros termos, há uma analogia entre a estrutura original e novo item lexical, o que não permite considerá-las “novidades formais *absolutas*” (Boulangier, 1979, p. 82).

Os *Seminários* (1951-1980) registram um número bastante significativo desses neologismos e surpreende o fato de que – em que pesem as dificuldades de decodificação desse neologismo devido à sua novidade formal – algumas dessas criações superaram o uso específico e pontual e se transformaram em termos consagrados e assumidos como herança da teoria lacaniana. Lembremos, por exemplo, dos termos *a(u)moinzin/hommoinzin* e *m'êtrise*.

Vejamos alguns exemplos dessas criações.

O neologismo *hommoinzin*, também grafado como *a(u)moinzin* (a letra *u* é tomada como sinal lógico da união e Lacan alude ao termo *objet a*), condensa a locução *au moins un* [ao menos um] e *homme moins un* [homem menos um], numa referência ao pai da horda primitiva.

L'au-moins-un [...] nous l'écrivons de cette façon parce qu'elle est inaugurale, inaugurale d'une dimension qui est très précisément celle sur laquelle j'ai insisté pour un discours qui ne serait pas du semblant, *l'hommoinzin*. (Seminário RSI, Lição 08/04/75)¹

O adjetivo *apèritif* se origina na palavra-valise *père-version*, que sofre um processo de inversão e se torna *version apèritive*. A retomada frequente desse neologismo parece indicar que ele está em vias de terminologização.

De même que le plus-de-jouir provient de la père-version, de la version *apèritive* du jouir. (Seminário D'un Discours qui ne serait pas du semblant, Lição 19/05/71)

Algumas dessas criações partem de estruturas mais complexas, como frases inteiras que se transformam em uma única palavra, em geral um verbo ou substantivo. Assim ocorre com o verbo

* Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). E-mail: patricia.ramos@ufrgs.br

¹ O grifo em todas as citações dos *Seminários* é nosso.

gniakavoir, criado a partir da redução da frase *il n'y a qu'avoir* para *nyaquavoir*, que se transforma, por correspondência fonética, em *gniakavoir*. A partir daí, abre-se a possibilidade de o verbo ser conjugado como qualquer outro da língua francesa.

[...] il "gniakavait", me dit-il, conjuguant ainsi bizarrement un verbe dont le radical serait "gniaka". (Seminário L'objet de la psychanalyse, Lição 08/06/66)

O verbo *jouljouer* é criado a partir da frase *je joue le jeu*, reduzida para *jouljeu*, que dá origem ao verbo *jouljouer*. No entanto, como observa Péliissier (2002, p. 51), se seguisse o paradigma, esse verbo deveria conjugar-se como *jouer* (*je jouljoue, tu jouljoues*) e não como Lacan propõe (*je jouljeux, il jouljeut*), o que indica que ele o associa também ao verbo *vouloir* (*je veux, tu veux*).

Alors, si je n'erre pas, et j'ai pas l'air, comment joue le jeu qui me guide ? Ça fait un verbe, ça, hein: "jouljeu", tu *jouljeux*, ça continue, ça tient le coup à "il *jouljeut*". (Seminário Les Non-Dupes Errent, Lição 19/02/74)

O verbo *diffâmer* é criado a partir da aglutinação de *on la dit femme*, inclui igualmente a palavra *âme*, formando uma estrutura homófona ao verbo *diffamer*. Em outras palavras, nele se pode ler *femme* [mulher], *âme* [alma], *diffamer* [difamar], *différencier* [diferenciar], estabelecendo-se uma relação de associação direta entre *femme* e *infamie*.

Pour que l'âme trouve à être, on l'en différencie, elle, la femme, et ça d'origine. On la dit-femme, on la *diffâme*. Ce qui de plus fameux dans l'histoire est resté des femmes, c'est à proprement, parler ce qu'on peut en dire d'infamant. (Seminário Encore, Lição 13/03/73)

O verbo *hycroire* provém da estrutura subjacente *croire à quelque chose*, que demanda o pronome *y* na substituição pronominal, *y croire*; recebe o *h* aspirado como conclusão da transformação.

La science est une futilité qui n'a de poids dans la vie d'aucun, bien qu'elle ait des effets, la télévision par exemple. Mais ses effets ne tiennent à rien qu'au fantasme qui, écrirai-je comme ça, qui *hycroit*. (Seminário Le Moment de Conclure, Lição 20/12/77)

Laisser seuls e *les seuls* passam por um processo de aglutinação e de redução e se transformam respectivamente em *laisseuls*, enquanto *cette affaire-là* passa a *cetaffairlà* e, posteriormente, a *stafarla*.

[...] ils rêvent de n'être pas les seuls, - ça, ça leur tient aux boyaux! Écrivez *laisseuls*, si vous voulez, l-a-i-s-s-e-u-l-s, pour évoquer le "laissés seuls" dans ce parlage. (Seminário RSI, Lição 11/03/75)

C'est justement parce qu'ils n'ont rien à voir que le psychanalyste a quelque chose à voir dans cette affaire là, (écrivons-le au tableau), *STAFERLA*. (Il faut aussi savoir user d'une certaine façon de l'écriture). (Seminário L'Acte Psychanalytique, Lição 11/03/75)

A locução *tout être humain* dá origem a *tétrume-un* que, por sua vez, sofre um processo de redução fonológica e origina *trumains*, para se referir aos seres humanos no plural.

Ce point d'interrogation, viens-je de dire, a sa réponse pour tout tétrume un. J'écrirai ça l'amort. Ce qu'il y a de bizarre dans les - parce que pourquoi ne pas l'écrire aussi comme ça : les *trumains*; là, je les mets au pluriel - ce qu'il y a de bizarre dans les *trumains* - pourquoi ne pas écrire ça comme ça aussi, puisque aussi bien se servir de cette orthographe en français est justifié [...] (Seminário Le Moment de Conclure, Lição 17/01/78)

Já o processo por que passa o verbo *s'emblar* e o substantivo derivado *s'emblant* é diferente: trata-se do verbo *sembler*, transformado em verbo pronominal pelo acréscimo de um apóstrofo.

C'est un semblant de métalangage et comme je m'en sers dans le texte, je me sers de cette écriture, *s'emblar, s'emblant* au métalangage. En faire un verbe réfléchi de ce *s'emblar*, le détache de l'affruiation qu'est l'être, et comme je l'écris, il parest, parest veut dire un *s'emblant* d'être. (Seminário L'Insu Que Sait de l'Une Bévues s'Aile à Mourre, Lição 08/03/77)

Processo semelhante ocorre com o substantivo *tentrisme*: parte da preposição *entre* transformada no verbo virtual **t'entrer, je t'entre*, que, por sua vez, passa por um processo de derivação ao receber o sufixo *-isme*, indicador de doutrina.

En un certain sens, je dirai qu'il y a quelque chose de nouveau, à ce qu'on s'intéresse à des mots, à des termes comme celui par exemple de la mésologie - qu'est-ce qu'il y a entre, entre quoi et quoi ? Il s'agit de définir qu'est-ce que c'est, " entre ". Ouais ! je t'entre, c'est mon *tentrisme* à moi. (Seminário RSI, Lição 14/01/75)

Já em *m'être e m'étrise*, a inclusão do apóstrofo marca a cesura para indicar a presença do verbo *être*, criando uma associação com *maître e maîtrise*, a partir da homofonia das estruturas, e com a frase *Je suis maître de moi comme de l'Univers*, extraída da tragédia *Cinna*, de Pierre Corneille (PÉLISSIER, 2002, p. 59).

Le développement se confond avec le développement de la maîtrise. C'est là qu'il faut avoir un peu d'oreille, comme pour la musique - je suis *m'être*, je progresse dans la *m'étrise*, je suis maître de moi comme de l'univers. (Seminário Encore, Lição 13/02/73)

Lacan ainda recorre ao apóstrofo na criação dos três verbos a seguir. Em cada um deles, esse sinal marca uma cesura e leva o leitor/ouvinte a distinguir as duas palavras que intervêm na nova formação: *soupirer/ou pire, nommer/homme e publier/oublier*.

L'année dernière, j'ai intitulé ce que je croyais pouvoir vous dire - ... ou pire, puis - Ça *s'oupire*. Ça n'a rien à faire avec je ou tu - je ne *t'oupire* pas, ni tu ne *m'oupires*. Notre chemin, celui du discours analytique, ne progresse que de cette limite étroite, de ce tranchant du couteau, qui fait qu'ailleurs ça ne peut que *s'oupirer*. (Seminário Encore, Lição 21/11/72)

Tout homme est un animal, sauf à ce qu'il se *n'homme*. (Seminário L'Acte Psychanalytique, Lição 20/03/68)

[...] l'issue me déplaît que j'ai qualifiée de poubellication. Mais qu'on *p'oublie* ce que je dis au point d'y mettre le tour universitaire, vaut bien que j'en marque ici l'incompatibilité. (Seminário Les Quatre Concepts Fondamentaux de la Psychanalyse, 01/01/73)

Em *s'autreposer*, Lacan cria mais uma vez um novo verbo, inserindo a figura do *Autre* no lugar da locução *se poser entre*. Ao fazê-lo, convoca simultaneamente os dois significados, ou seja, *c'est l'Autre qui se pose entre, c'est l'Autre qui s'entrepose*.

L'Autre, entendez-le bien, l'Autre, entendez-le bien, c'est donc un ENTRE, l' « entre » dont il s'agirait dans le rapport sexuel, mais déplacé, et justement de s' « *autre-poser* ». De s' « *autreposer* », il est curieux qu'à poser cet Autre, ce que j'ai eu à avancer aujourd'hui ne concerne que la femme. (Seminário ... ou pire, Lição 08/03/72)

É também a associação que leva à criação da forma *astudé*, que surge a partir do particípio passado *étudié*, do verbo *étudier*, e coloca em cena o objeto *a*:

Sur le plan des sciences humaines, nous voyons quelque chose pour lequel il faudrait faire un mot. Je ne sais pas encore si celui-là est le bon, mais moi, comme ça, d'approche, d'instinct, de sonorité, je dirais *astudé*.

Na criação neológica *sentimaître*, Lacan faz intervir a homofonia em vários níveis: joga, primeiramente, com a homofonia de *maître/mètre* e, seguindo a mesma linha, com *centimètre*. Alude a Salomão, cuja decisão mais célebre foi dividir – por isso a referência a unidades de medida – uma criança no meio para saber qual sua verdadeira mãe, episódio emblemático da noção de justiça. Também se pode ouvir a frase *sans t'y mettre*.

[...] lisez Salomon, c'est le maître des maîtres, c'est le *senti-maître*, un type dans mon genre. (Seminário Encore, Lição 08/05/73)

O substantivo *madaquinisme* é resultado de um complexo processo de transformação: parte de *saint Thomas d'Aquin* que, por assimilação com o também neologismo semântico *sinthome*, passa a *sinthomadaquin*; este, por sua vez, sofre uma redução e recebe o sufixo *-isme*, transformando-se no substantivo.

Il y a pour l'instant, pour l'instance de la lettre telle qu'elle s'est ébauchée à présent - et n'espérez pas mieux, comme je l'ai dit, ce qui en sera plus efficace ne fera pas mieux que de déplacer le sinthome, voire de le multiplier - pour l'instance, donc, présente, il y a le *sinthome madaquin*, que j'écris comme vous voudrez, *m a d a q u i n* après sinthome. [...] Et c'est bien en quoi Joyce fait déchoir le sinthome de son *madaquinisme*. (Seminário Le Sinthome, Lição 18/11/75)

Considerações finais

Esses neologismos que recorrem à analogia, independentemente de suas propriedades formais, são muito abundantes na literatura lacaniana. Pode-se afirmar que o processo de criação de um novo item lexical a partir de um modelo preexistente na língua – palavra, termo, expressão ou frase – subjaz à prática neológica lacaniana e não deixa de lembrar, guardadas as diferenças, o método de associação livre, constitutivo da psicanálise.

Os exemplos acima buscaram mostrar como a presença concomitante de dois ou mais significados na formação das criações por associação incide sobre o significado final do neologismo. Isso evidencia a necessidade, do ponto de vista da tradução, de o profissional ser sensível à construção desses significados para buscar sua reconstrução em língua materna sob a forma de um equivalente tradutório.

Referências bibliográficas

Alves, Ieda. *Neologismo. Criação lexical*. São Paulo: Ática, 1994.

Boulanger, J.-C. Néologie et terminologie. *Néologie em Marche*, v. 4, 1979.

Lacan, Jacques. *L'acte Psychanalytique: 1967-1968*. Publication hors commerce. Paris: Association freudienne internationale.

Lacan, Jacques. *Encore: 1972-1973*. Paris: Seuil 1972.

Lacan, Jacques. *D'un discours qui ne serait pas du semblant*. Paris: Association Freudienne Internationale (document interne), 1996.

Lacan, Jacques. *L'insu que Sait de l'une-Bévue S'aile a Mourre: Séminaire 1976-1977*. Publication hors commerce. Document interne. Association freudienne internationale.

Lacan, Jacques. *Le Moment de Conclure: Séminaire 1977-1978*. Publication hors commerce. Document interne. Association freudienne internationale.

Lacan, Jacques. *Le Sinthome: 1975 – 1976*. Publication hors commerce. Document interne. Association Freudienne.

Lacan, Jacques. *Les Non-Dupes Errent: Séminaire 1973-1974*. Editions de l'Association Freudienne Internationale: publication hors commerce.

Lacan, Jacques. *L'objet De La Psychanalyse: Séminaire 1965-1966*. Publication hors commerce. Document interne. Association freudienne internationale.

Lacan, Jacques. *...Ou pire*. Paris: Seuil, 1972.

Lacan, Jacques. *Les quatre concepts fondamentaux de la psychanalyse*. Paris: Seuil, 1973.

Lacan, Jacques. *R S I: Séminaire 1974-1975*. Paris : Version AFI.

Pélissier, Yan et al. *789 Néologismes de Jacques Lacan*. Paris: EPEL, 2002.

Reuillard, Patrícia C. R. *Neologismos Lacanianos. Equivalências Tradutórias*. Tese de Doutorado em Letras, Porto Alegre, UFRGS, 2007.